

## BIOGRAFIA DE MÁRIO DE ANDRADE<sup>i</sup>: UM TUPI TANGENDO UM ALAÚDE

 <https://orcid.org/0000-0003-4583-7165> Vania Finholdt Angelo Leite <sup>A</sup>

<sup>A</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Recebido em:** 9 dez. 2021 | **Aceito em:** 19 jan. 2022  
**Correspondência:** Vania Leite (vfaleite@uol.com.br)

*Eu sou um escritor difícil,  
Porém culpa de quem é! ...  
Todo difícil é fácil,  
Abasta a gente saber.  
Bajé, pixé, chué, ôh “xavié”  
De tão fácil virou fóssil,  
O difícil é aprender!<sup>iii</sup>  
Mário de Andrade*

TÉRCIO, Jason. *Em busca da alma brasileira*: biografia de Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019. Trata-se de um dos livros premiados pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) na categoria biografia, através do qual o autor reconstrói a vida social, política e cultural de Mário de Andrade que é considerado um dos autores mais estudado no Brasil, especialmente no campo das Artes e da Literatura que temos a oportunidade de conhecer a partir da leitura dessa biografia.

Jason Tércio é jornalista e escritor de vários livros, dentre eles o romance “A pátria que o pariu”, de peças teatrais, roteiros, poemas e contos. “Em busca da alma brasileira” é a segunda biografia escrita por Tércio, depois da produção de “Órfão da tempestade – a vida de Carlinhos de Oliveira”.

Uma das contribuições da sua obra é a oportunidade de o leitor acessar “informações inéditas que preenchem lacunas importantes e corrigem reiterados equívocos sobre o escritor e a história do Modernismo” (TÉRCIO, 2019, p. 12). Nesse sentido, esse livro preenche a lacuna, por ser a primeira biografia de Mario de Andrade – um autor multifacetado. Mário foi “poeta, romancista, contista, cronista, crítico de arte, musicólogo, folclorista, fotógrafo, professor, colecionador de arte, epistológrafo, jornalista, bibliófilo, ícone da vanguarda modernista” (ibidem, p. 11).

O leitor se delicia com um texto leve, visto que a narrativa biográfica está permeada por histórias, relatos dos encontros sociais e culturais, com também as produções de Mário, tendo



como pano de fundo o contexto político de cada época. Jason não se atém tanto às datas, fazendo com que o leitor se envolva em cada capítulo com as histórias da vida do biografado.

Mário viveu na primeira metade do século XX, em um tempo conturbado com o Levante do Forte (1922), o Levante Tenentista (1924), a Revolução de 1930, a Guerra Civil em São Paulo (1932) e o Golpe de Estado Novo (1937). No contexto mundial, enfrentávamos as duas grandes guerras mundiais e a guerra espanhola. Todo esse contexto - refletiu também na cultura – o modernismo. E, diante disso, podemos considerar Mário como sendo o líder informal do movimento modernismo – após a Semana de Arte Moderna de 1922.

Tércio não entrou em detalhes em relação a fatos pessoais do biografado, mas apresenta os fatos pesquisados em fontes primárias para que o leitor possa tirar suas próprias conclusões. Destaco, por exemplo, algumas de suas provocações: “por que a precedência de São Paulo em relação ao Rio de Janeiro na modernização artístico-literária do país?” (ibidem, p. 109), afinal, como desse lampejo inicial evoluiu para uma Semana de Arte Moderna, e quem a propôs?” (ibidem, p.111).

Assim, em nove capítulos o autor vai narrando a vida e as contribuições de Mário de Andrade no desbravamento da cultura brasileira e da fascinante história da Semana de Arte Moderna. Diante disso, ressalto que focarei mais nos capítulos relacionadas a essas duas temáticas, e que darei destaque aos nomes poéticos dos capítulos, demarcando trajetórias vividas por Mário.

No 1º capítulo “Entre músicas e santos” – o autor narra que apesar da influência do catolicismo na vida de Mário, por frequentar colégio de irmãos Maristas, missas, participar das atividades da Igreja Católica, isso “não influenciou seus escritos” (Ibidem, p.29), nem sua vida boêmia. Além disso, afirma que embora Mário não tenha tido boas notas na escola em Desenho, em casa ele gostava de desenhar, inventar palavras, abrigar termos estrangeiros e escrever versos. Ao terminar o Ensino Médio, ele não frequentou nenhuma faculdade, por isso seu pai lhe matriculou no curso de Contabilidade. Contudo, após um desentendimento com o professor do curso, três meses depois, ele abandona a Contabilidade para fazer um Curso de Literatura durante cinco noites por semana. Agindo assim, contradiz a vontade de seu pai que tentou lhe encaminhar para a Contabilidade, mas ele não queria ser contador. Somente aos 17 anos descobriu que gostaria de ser pianista, após terminar o curso de Literatura em 1910. Desde jovem, já demonstrava seu autodidatismo e atitudes de pesquisador, como por exemplo o seu caderno de recortes separados por áreas de conhecimentos (Literatura, Artes, Música, etc.), no qual resumia sua opinião e lembranças.

No 2º capítulo “Semeando inovação, colhendo tempestade”, o biógrafo inicia narrando sobre o falecimento do pai de Mário, em 1917, e sobre o lançamento da sua primeira coletânea poética intitulada “Há uma gota de sangue em cada poema”, dentre outros, autofinanciado, o qual trazia uma série de poemas sobre a guerra. Com esse livro, Mário marcou sua posição frente à realidade na época. O leitor acompanha também as relações sociais de Mário com Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Joaquim Álvares Cruz, dentre outros. A convergência de interesses dos amigos de Mário desperta-o para o Moderno, a partir da exposição de Anita Malfatti nos finais de 1917. Segundo Tércio (2019, p. 69), “ninguém imaginaria que ali estava o primeiro estampido de um fenômeno que revolucionaria a cultura brasileira”. Mário exercia várias atividades profissionais para que pudesse ter autonomia financeira, por isso trabalhava no Conservatório, dava aulas particulares de piano em casa, promovia saraus em sua casa, colaborava com jornais locais (A Gazeta), fazia conferências, entre outras. Em 1919, Mário começa suas andanças pelo Brasil: visitou Belo Horizonte, Ouro Preto e Mariana, sempre com um caderno de notas, anotando suas impressões, versos populares, pregões, parlendas e paródias.

Considero o ponto primordial do capítulo quando Tércio aponta os fatores que impulsionaram a realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo. O primeiro é o institucional – uma vez que a capital do Brasil era o Rio de Janeiro, uma cidade que possuía muitos órgãos públicos, desejados pelos escritores para que pudessem ter estabilidade e tempo para escrever seus livros e para jornais. Outro fator era o peso que os escritores sêniores exerciam nos escritores iniciantes do Rio, porque eles poderiam abrir portas ou não para eles. Naquele contexto, a comemoração do Centenário da Independência era uma boa oportunidade de negócios para empresários, que não estariam dispostos a financiar a arte. Além disso, o campo da política encontrava-se bastante eufórico com a campanha presidencial que representava a quebra da chamada política “Café com leite<sup>iii</sup>” com o lançamento de Nilo Peçanha (partido Reação Republicana) à presidência, apoiado pelo Rio, Bahia, Rio Grande do Sul e Pernambuco (TÉRCIO, 2019). Por todos esses fatores, os jovens artistas e escritores paulistas tinham a oportunidade de “proclamar sua independência cultural” (ibidem, p.111). Terminamos o capítulo sem um consenso de quem seria o autor da Semana de Arte Moderna, no entanto, ela foi pensada como uma das comemorações do Centenário da Independência. Além disso, considero que a Semana foi impulsionada pelo questionamento dos jovens paulistas e brasileiros sobre a identidade cultural do Brasil. Mário e os amigos pensaram organizar um sarau ampliado, com exposições da nova geração paulista. Graça Aranha e Paulo Prado foram

os articuladores financeiros para que o evento pudesse acontecer no Teatro Municipal com a participação de artistas residentes e/ou cariocas (Ronald de Carvalho, Zita Aita e Villa-Lobos).

No terceiro capítulo “O ano da re(vira)volta”, o leitor é apresentado com os bastidores da organização em tempo diminuto da Semana de Arte Moderna, em que Tércio (2019, p.116) descreve a função de cada um: “Paulo Prado com a divulgação; Di Cavalcanti com desenhos da programação e catálogos da exposição; Mário e Oswald com artigos nos jornais”. Concordo com Tércio que a Semana foi muito contestadora, mesmo sendo financiada pela elite e realizada no Teatro Municipal. Ainda permanece no Brasil, atualmente, a falta de incentivo para os movimentos culturais. Além disso, na década de 1920 o Teatro era utilizado para artes, bailes beneficentes, conferências, dentre outras atividades. Sobre esse assunto, destaco o debate (em seis artigos) realizado entre Mário e Cândido (pseudônimo de Nuto Sant’Anna), publicado em *A Gazeta* (1922), que era um espaço oportuno para discussão de diferentes pontos de vista entre os autores e os leitores.

Outro ponto alto do capítulo é a descrição de cada noite da Semana de Arte Moderna, regada pela poesia, música, exposições de pinturas e esculturas. Ressalte-se que Mário não aceitava a fama de futurista, porque ele fazia questão de diferenciar futurismo e modernismo—mesmo assim, isso provocou consequências e represálias no Conservatório, sem abalar Mário e o grupo organizador. De acordo com Tércio (2019, p. 140), eles continuaram determinados, difundindo suas ideias, obras, tornando-se “ativistas culturais em tempo integral, [...] apesar das deficiências, contradições e ambiguidades das condições do país, era o primeiro movimento artístico-literário nacional, com agenda definida”. As ideias eram difundidas na Revista Klaxon – com financiamento de Mário, Oswald, Guilherme, Paulo Prado, dentre outros. Em 1922, Mário lança sua segunda obra - “Pauliceia Desvairada” cuja cidade de São Paulo torna-se “a personagem multifacetada – [...] tudo recheada de neologismo, onomatopeias, pregões de camelôs” (TÉRCIO, 2019, p. 147).

Em “Tentações parisiense”, 4º capítulo – o leitor pode compartilhar a “solidão” de Mário com a partida dos amigos (Tarsila, Oswald, Milliet, Anita e Villa Lobos) para Paris em 1923 – que só retornariam ao Brasil em 1924. Não foi por falta de convite para Mário visitar Paris, mas ele nunca demonstrou vontade de sair do país. Nessa época, ele continuava seu projeto linguístico de abraçar o Português, escrevendo seus textos com uma ortografia única, por exemplo, o primeiro a usar *pra*, e com um posicionamento contra o domínio da gramática de Portugal. Insistia em abraçar, mas não regionalizar.

No capítulo “Afetos e desafetos” – nos deleitamos com a viagem de Mário e os amigos (Cendrars, René, Tarsila, Oswald, dona Olívia e outros), em 1924, às cidades históricas mineiras. Nessa viagem Mário ampliou o seu olhar sobre a arte barroca mineira, recolheu lendas, tradições, poesia oral e música regional para escrever o livro “História da Música”. Além disso, Mário e os amigos idealizaram a criação, mas não concretizada, de uma Sociedade dos Amigos dos Monumentos Históricos do Brasil, para identificar, apropriar, tombar, restaurar e divulgar o acervo dos bens móveis e imóveis brasileiro. Nota-se, portanto, que Mário se ocupava com várias atividades concomitantes, por mais que tentasse manter distante das intrigas e brigas entre Graça Aranha e Oswald. Mesmo assim, Mário rompe com Graça Aranha através de uma carta aberta publicada no jornal carioca *A Manhã*. Em 1925 lança o ensaio sobre a poética modernista “A escrava que não é Isaura”, “consolidando sua liderança intelectual e moral” (TERCIO, 2019, p. 209). Outro fato importante dessa época diz respeito às correspondências entre Mário e Câmara Cascudo, que aguçaram sua vontade de conhecer o Nordeste.

O sexto capítulo “Vasculhando o Brasil” inicia-se contando a passagem de Marinetti – pai do futurismo – pelo Rio de Janeiro e São Paulo para uma turnê literária, realizada com palestras pagas. No entanto, o público não o recebeu bem, por interpretar suas apresentações como propagandas políticas do fascismo. Quanto ao Mário, permanecia o desejo de “abrasileirar o Brasil” (TERCIO, 2019, p. 240), mesmo assim, não se mantinha alheio às produções estrangeiras, assinava revistas de artes de outros países, lia livros do antropólogo Theodor Koch-Grünberg, dentre outros. O livro “Macunaíma”, escrito em 1927, incorporava os mitos “sem colocar na história nenhum localismo associado a uma geografia específica. [...] palavras tipicamente gaúchas foram misturadas a expressões paulistas” (ibidem, p. 247). É um livro revolucionário que traz uma linguagem inédita para época, considerado um precursor do Realismo fantástico.

Em 1927, Mário viaja com D. Olívia e mais oito pessoas (seria uma viagem de 3 meses), partindo do Rio de Janeiro até Manaus, passando também pela Bolívia e Peru. Mais uma vez, Mário adia a sua tão sonhada viagem para o Nordeste. “A expedição às entranhas do Brasil, absorvidas por todos os sentidos e poros, foi um rito de passagem para Mário, uma expansão de sua consciência, espiritual, humana e intelectual” (TERCIO, 2019, p. 272). Ele pode alargar sua visão do país, do povo e de si próprio durante essa viagem, contribuindo também para acrescentar informações no livro *Macunaíma*– lançado em 1928. Na época, o livro não foi bem aceito pelos críticos, somente José Américo de Almeida e Paulo Prado que elogiaram a obra.

José Américo considerou Macunaíma “o milagre da fala brasileira com a fusão do modismo do norte e do sul, formando uma língua nacional para ser entendida em todo Brasil” (ALMEIDA, 1928 *apud* TÉRCIO, 2019, p.284). Vale lembrar que Mário desejava escrever um livro de Gramática brasileira, porque por sermos brasileiros deveríamos escrever naturalmente brasileiro.

Finalmente, em dezembro de 1928 ele partiu para o Nordeste brasileiro para sua “viagem etnográfica” (TÉRCIO, 2019, p. 290), na qual pode fotografar, anotar palavras, expressões, cordéis, toadas e canções das cidades nordestinas, como também, comprar peças artesanais e instrumentos musicais. Mário agregou materiais para escrever mais de um livro, mas o fundamental da viagem que ele “enriqueceu seu conhecimento da alma brasileira” (ibidem, p. 301), pode experimentar as comidas, músicas, danças, vivências com as pessoas de cada cidade que visitou.

A produção de Mário continuava intensa como cronista no Diário Nacional, lançamentos de livros, como o “Compêndio de História da Música”, como mais seis livros projetados no segundo semestre de 1929 – o que demonstra a produção ininterrupta do autor. Este ano marcou o fim “de um ciclo histórico – na política, na economia e no Modernismo” (ibidem, p. 311).

Em “Tempos de Trincheiras” Tércio narra o momento político do Brasil em 1930 – eleições para presidente da República, deputados federais e um terço do Senado. Por mais que Mário buscasse estar distante da política, não conseguia se afastar totalmente. Os anos 1930 foram marcados pela Revolução de 30 – momento em que opositor do governo oligárquico com auxílio dos militares tomaram o poder – inaugurando a Era Vargas. Mas Mário não deixou de produzir, lançou no final de 1930 o livro de poemas “Remate de males”.

Mário participou, ainda, da reforma pedagógica no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro – equivalente a universidade; da equipe editorial do Jornal das Trincheiras – um boletim da Liga de Defesa Paulista; colaborou com artigos para o Diário de São Paulo, além de continuar dando palestras e reunindo-se com amigos. Em maio 1935 foi nomeado o primeiro diretor do Departamento Municipal de Cultura e Recreação de São Paulo.

No oitavo capítulo, “As ilusões de um homem útil” – o leitor acompanha os desafios de Mário frente ao Departamento de Cultura de São Paulo. Embora tivesse qualidades de um gestor, bagagem intelectual e vivencial de suas viagens por Minas Gerais, Amazônia e Nordeste – será que era a hora certa para assumir o cargo? Mário implementou várias ações em sua gestão, tais como: produção de disco para distribuição nas escolas gratuitamente, criação da



Revista do Arquivo Municipal, popularização da música erudita com apresentações gratuitas, dentre outras. Mário elaborou, também, o anteprojeto para criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan, hoje Iphan). Além dessas atividades, ele não deixou de publicar em jornais e revistas, dar palestras, escrever verbetes para livros (Dicionário de la Música), dentre outros. Foi tesoureiro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e presidente da Sociedade de Etnografia e Folclore, juntamente com Dina Dreyfus (mulher de Lévi-Strauss).

Dentre os vários convites para conhecer outros países, em 1937, ele recusou participar do I Congresso Internacional de Folclore em Paris como representante do Instituto Histórico e de Etnografia. Em 1938, Mário muda-se para o Rio de Janeiro para assumir uma vaga no Instituto Nacional do Livro, demitindo-se da presidência da Sociedade de Etnografia e Folclore em São Paulo.

No capítulo “O insofrido”, Tércio relata os últimos cinco anos de Mário entre 1940 a 1945. Entre os relatos, encontramos o seu regresso a São Paulo em 1941 para assumir o cargo de assistente técnico do Sphan, época que voltou a escrever para o Estado de São Paulo sem uma agenda fixa. Aos poucos, sua saúde física ia piorando, mesmo assim, Mário continuava suas produções em revistas, jornais, palestras.

O livro ainda conta com o posfácio de Marcos Antonio de Moraes, do Instituto de Estudos Brasileiros (USP), e com notas no final do livro, separadas pelos capítulos, que contribuem para fluidez da leitura, dando ao leitor a opção de aprofundar suas próprias pesquisas.

Enfim, a obra é um convite para cada um se deleitar com a vida de um homem criativo, curioso intelectualmente, incansável na busca da identidade brasileira. Porém, algumas indagações sobre Mário não são respondidas no livro (TERCIO, 2019), como por exemplo o motivo dele não visitar outros países e se ele foi o idealizador da Semana de Arte Moderna.

## Referências

ALMEIDA, José Américo. Carta de José Américo de Almeida a Mário de Andrade, 13 se. 1928, IEB- USP IN: TÉRCIO, Jason. *Em busca da alma brasileira: biografia de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

---

<sup>i</sup> ANDRADE, Mário, do poema *O Trovador*.

<sup>ii</sup> ANDRADE, Mário. Poema: Lundu do Escritor Difícil. In: *Poesias completas*. São Paulo, Círculo do Livro, 1976. p. 286-7).

---

<sup>iii</sup> Política Café com leite se refere ao acordo entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais de alternarem no poder durante a república oligárquica no Brasil.